



QUADRAS

A vida compra a granel
Na ilusão que a desfigura.
O tempo cobra, fiel,
À porta da sepultura.

*

Medalha, comenda e pluma,
Exigindo apreço e aceno,
Parecem montões de espuma,
Cobrindo sabão pequeno.

*

(*) Fêz os estudos primários e secundários em João Pessoa, formando-se, em 1908, pela Faculdade de Direito do Recife. Redator de *A União* e diretor da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. «Poeta magnífico,» — afirma Edgard Rezende (*Os Mais...*, pág. 179) — «produziu composições impregnadas de lirismo suave e encantador.» Era-lhe, porém, a trova

Paixão é fogo por nada.
14 Febre alta e recaída...
Tanta tinta derramada,
16 Tanta conversa perdida.

*

Fitai o juízo à frente;
Excesso, taça e folia
Acabam frequentemente
Na sala de anatomia.

*

A lei é peso e medida,
Tende cautela, mortais!
Do que buscamos na vida,
Na morte teremos mais.

ACENDALHAS

Pensei que a morte ocultasse
A noite pesada e fria,
E a morte deu-me outra face
Dos sonhos de cada dia.

*

um dos gêneros prediletos, e Luiz Pinto (*Ant. da Paraíba*, pág. 23) afirma ter sido ele, AF, «um repentista temido e de incomparável fecundidade», a manejar com inteligência a sátira, sua insuperável arma de combate. (Praia de Lucena, Município de Santa Rita, Paraíba, 11 de Fevereiro de 1880 — João Pessoa, Paraíba, 9 de Abril de 1942.)

BIBLIOGRAFIA: *Auras Paraibanas*; *Visões de Outrora*; *Soluços de Realejo*; etc.

14. Leia-se com hiato: *Fe/bre/ al/ta*.

16. “Tanta.../Tanta...”: Anáfora — “Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete a mesma palavra ou frase no começo de vários VERSOS...” (Geir Campos, *Op. cit.*)

Acolhe, afaga e conserva
O passo sem ilusão.
Toda carne é igual à erva
Que nasce e retorna ao chão.

*

Se a flama do amor te invade,
Não tentes ócio e prazer.
Amor é felicidade
A refulgir no dever.

*

O verbo enfeitado e ameno,
De muita beleza humana,
Parece mel com veneno
Em taça de porcelana.

*

Remorso fremindo em chaga,
Na desculpa que alivia,
E' como a dor que se apaga
Ao toque da anestesia.

*

Esse diamante que vês,
De faces luminescentes,
Viveu séculos talvez
No chavascal de serpentes.

*

Ergue ao Céu a moradia
Da própria felicidade.
Na Terra toda alegria
Paga imposto de saudade.

*

Escritor que atende ao mal
Dando o mal por satisfeito,
Da pena talha o punhal
Que, um dia, lhe vara o peito.

*

Quando o corpo, inerte, expira,
Notamos, amargamente,
Quanta gente na mentira,
64 Quanta mentira na gente.

*

Afirmas que é hipocrisia
Sorrir para a falsidade.
Mas que outra coisa seria
O ensino da caridade?

*

Humilhado! Mesmo assim,
Perdão é a glória que levas.
A noite ensombra o jardim,
72 O jardim perfuma as trevas.

*

Muita cautela, Maria,
Cuidado no coração.
Um namoro, cada dia...
Amor não é isso, não.

*

64. Cf. nota nº 16 deste capítulo.

72. "...o jardim,/ O jardim...": Anadiplose — "Nome dado à FIGURA que resulta quando se repete no começo de um VERSO a palavra ou frase final do verso anterior..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

Evita a palavra turva,
Sê claro, de longe ou perto.
Na estrada de muita curva,
O desastre chega, certo.

*

Não condenes quem resvala
Onde o vício se avolume.
Muita flor que enfeita a sala
Nasceu na fossa de estrume.

*

Desfaz-se a ostra em escolhos,
Brilha a pérola na rua.
A morte nos cerra os olhos,
Mas a vida continua.

HISTÓRIAS EM QUADRINHAS

No sepulcro, em desconforto,
Quanta mágoa em Maristela!
A triste, buscando o morto,
E o morto, fugindo dela.

*

Noutra vida, o potentado
Batia, em fúria tremenda...
Hoje é um colono aleijado
Em sua velha fazenda.

*

Era paixão incomum...
No entanto, o tédio, depois,

- 103 Trouxe morte para um
104 E obsessão para dois.

*

Leontina, sempre enganada,
De tão vaidosa e faceira,
Embora desencarnada,
Não se desfaz da caveira.

*

Queria tanto conforto,
Carícias, redes e abanos,
Que mesmo depois de morto,
Dormiu por duzentos anos.

*

Sentava-se em mesa de ouro,
Passava fome por vício,
Mas deixou todo um tesouro
Na fossa do desperdício.

*

Outrora, sabia tudo,
Era um homem de apogeus.
Agora, é um doente mudo,
Rendendo graças a Deus.



103. Leia-se com hiato: *pa/ra/ um*.

104. Quanto à palavra "o-b-ses-são", cf. nota 1, pág. 47 (Suarabácti).